

# Sesc<sup>tv</sup>

Novembro/2014 – edição 92  
sesctv.org.br

DANÇA  
**ESPETÁCULO  
DANÇOGRAPHISMUS  
ABRÉ TEMPORADA  
DE INÉDITOS**

PLÍNIO MARCOS  
PROGRAMAÇÃO EM  
HOMENAGEM AO ATOR E  
DRAMATURGO

MOSTRA  
ECOFALANTE  
FILMES SOBRE  
MEIO AMBIENTE E  
SUSTENTABILIDADE



em dezembro



# TIC TIC TATI

## FORTUNA

TEXTOS TATIANA BELINKY MÚSICA HÉLIO ZISKIND

24/12  
22 horas



 [youtube.com/sesctv](https://www.youtube.com/sesctv)

 [@sesctv](https://twitter.com/sesctv)

 [fb.com/sesctv](https://www.facebook.com/sesctv)

**Sesc**tv

É inerente à arte contemporânea a intersecção de linguagens e o cruzamento entre diferentes expressões e propostas, numa perspectiva mobilizadora e inquietante da arte, que se manifesta em recombinações infinitas, transformadoras e criativas entre a literatura, o cinema, a fotografia, a dança, a música, as artes visuais, a videoarte.

Beber em diferentes fontes foi escolha do Balé da Cidade de São Paulo na criação do espetáculo *Dançographismus*, que o SescTV exhibe neste mês, em duas partes. O projeto marca a estreia de oito bailarinos da companhia como coreógrafos, que partiram em busca das mais diversas referências, aparentemente dissociadas, para a montagem do espetáculo, tais como uma luta marcial, uma filosofia oriental, um jogo de tabuleiro e as relações da maternidade. O programa marca a estreia de episódios inéditos da série Dança Contemporânea, que exhibe, a cada semana, um novo espetáculo, em versão editada para TV, além de entrevistas com os bailarinos e coreógrafos.

Inquietação e inventividade marcam também a trajetória do escritor, dramaturgo e ator Plínio Marcos. O autor de *Dois Perdidos Numa Noite Suja* é lembrado pelo canal, no mês em que se completam 15 anos de sua morte, com programação de música, filmes e entrevistas. Questões urgentes do meio ambiente estão em seis documentários da Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental. Na faixa musical, destaque para o show de Riachão, um dos mais antigos representantes do samba de raiz, que comemora 93 anos de idade neste mês.

Esta edição da **Revista do SescTV** entrevista o ator e escritor Oswaldo Mendes, autor da biografia de Plínio Marcos. O artigo do professor e pesquisador Adilson Citelli aborda a relação entre educação e comunicação. Boa leitura!

**Danilo Santos de Miranda**  
Diretor Regional do Sesc São Paulo

CAPA: *Dançographismus*, do Balé da Cidade de São Paulo.  
Foto: Alex Ribeiro

**DESTAQUES DA PROGRAMAÇÃO 4**

**ENTREVISTA – Oswaldo Mendes 8**

**ARTIGO – Adilson Citelli 10**

# Encontro de linguagens

FOTO: ALEX RIBEIRO



Um estilo musical, um texto literário e até uma arte marcial podem servir de inspiração e reflexão para outras linguagens e expressões artísticas, como a dança contemporânea. Esse diálogo foi o caminho escolhido pelo Balé da Cidade de São Paulo, grupo fundado em 1968, na construção do espetáculo *Dançographismus*. Para que o projeto se concretizasse, oito bailarinos da companhia se candidataram a estrear como coreógrafos e experimentar novos modelos e formatos. “Alguns também criaram música, deram aulas, gravaram vídeos para pôr no Facebook ou fizeram assistência aos colegas”, explica a diretora artística do balé, Iracity Cardoso.

O resultado desse processo são oito coreografias inéditas, que compõem o espetáculo *Dançographismus*. Cada uma das obras, na visão da diretora, tem muito a ver com a personalidade e a imaginação de seu criador. “São oito planetas diferentes, em que cada um coloca a sua ideia, semente e criatividade. Essa é uma experiência de ir para o outro lado, para a plateia”, destaca Iracity. E o nome do espetáculo surgiu, segundo ela, porque contém muito da linguagem escrita.

Em *Who is Pub*, uma das coreografias de *Dançographismus*, com direção de Jaruam Miguez e colaboração de Yasser Díaz, há uma mistura da atmosfera de interação social de um pub com o jiu-jitsu e a dança. “O jiu-jitsu é um esporte muito rico, tem muito conhecimento do corpo, de anatomia. É muito mais técnica do que briga e agressividade”, define Miguez. A proposta inclui ainda inspirações ritualísticas, de crenças e filosofias orientais. E faz uma analogia entre a arte marcial e o jogo de xadrez: “Você não mata o rei, você o cerca e o trava em um lugar do tabuleiro em que ele não conseguirá mais ir para lugar nenhum”, diz o coreógrafo.

Na dança *O Eu Pele*, Liliane de Grammont aborda a relação entre mãe e bebê. “É através da pele, do toque da mãe, que vai surgindo um ser, que ele vai se criando, se delimitando e descobrindo suas partes”, explica. *Certas Distâncias*, de Simone Camargo, foca no que acontece com cada pessoa após uma mudança de casa ou cidade. “Queria pesquisar as sensações, emoções, memórias e expectativas relacionadas àquilo que a gente deixa para trás e àquilo que a gente vai enfrentar”, afirma.

*Dançographismus* será exibido pelo SescTV em duas partes, nos dias 21 e 28/11, às 21h, e inaugura temporada inédita da série Dança Contemporânea. Com direção de Antonio Carlos Rebescos, a série exibe semanalmente, a partir deste mês, 24 novos espetáculos de diferentes companhias, numa versão editada para televisão, intercalados com entrevistas com bailarinos, coreógrafos e diretores.

## ESPETÁCULO DANÇOGRAPHISMUS, DO BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO, ABRE NOVA TEMPORADA DE INÉDITOS DA SÉRIE



### DANÇA CONTEMPORÂNEA

Sextas, 21h 12

#### **Dançographismus – Parte I**

Dia 21/11

#### **Dançographismus – Parte II**

Dias 28/11

# Malandro do samba

FOTO: ALISSON LOUBACK



Contemporâneo aos primeiros registros do samba no Brasil, o cantor e compositor baiano Riachão é uma das lendas vivas do samba de raiz, ao lado de figurões como Dona Ivone Lara e Nelson Sargento. Aos 93 anos, completados no dia 14 deste mês, e com mais de 500 músicas autorais, como *Chô-Chuá (Cada Macaco no seu Galho)*, o sambista malandro que já foi alfaiate e se aposentou como bancário começou a carreira no rádio, fazendo letras irreverentes e maliciosas sobre cenas do cotidiano. “Os locutores diziam: ‘Aí vem o Riachão, o homem que nunca cantou música de ninguém, o cronista musical da cidade’”, recorda.

Batizado de Clementino Rodrigues, o sambista adotou o nome artístico porque assim eram chamados os valentões da época. “Fui uma criança do barulho, mas brigava porque queria que os meninos respeitas-

sem os mais velhos.” Com o tempo, porém, ele diz que o apelido foi perdendo o sentido. “Depois não gostei mais, porque vivo uma vida de alegria, música, amor. Se eu soubesse nadar, ainda cairia bem”, brinca. Sempre sorridente, vestido com terno de linho, boina e sapatos brancos, ele ainda esbanja vitalidade e fé, mesmo após ter perdido a segunda mulher (Dalvinha, citada em várias de suas canções) e dois dos quatro filhos em um trágico acidente de carro em 2008. “Jesus vive comigo, me ajudando nas composições.”

A profusão de ideias para os sambas começou na adolescência, quando o cantor apenas interpretava músicas cariocas. Após ler em uma revista a frase: “Se o Rio não escrever, a Bahia não canta”, Riachão ficou comovido e, no dia seguinte, veio a primeira letra. “Daí em diante, o couro comeu. Nunca vi nascer tanta música do meu juízo!”, lembra. Então surgiram clássicos como *Chô-Chuá*, gravada por Caetano Veloso, Gilberto Gil e Gal Costa, e *Vá Morar com o Diabo*, ouvida na voz de Cássia Eller. “Eles (Caetano e Gil) foram para o exílio e, na volta, precisavam de uma música que entrasse novamente no Brasil. Cantei vários sambas e, quando chegou esse, a equipe toda levantou o dedão”, conta o sambista.

O SescTV exhibe, neste mês, o show *Riachão – Mundão de Ouro*, gravado no Sesc Pompeia em novembro de 2013, com direção para TV de Daniel Pereira. Dez músicos acompanham o cantor na percussão, nos metais, efeitos e instrumentos de corda. O show marcou o lançamento do disco *Mundão de Ouro*, o quarto da carreira de sambista, com dez faixas inéditas, como *Eu Vou Chegando*; *São Paulo da Garoa*; *Eu Queria Ela (Amor Proibido)*; e *Parabéns*.

**LENDA VIVA DO SAMBA DE RAIZ, CANTOR E COMPOSITOR RIACHÃO COMEMORA 93 ANOS LANÇANDO CANÇÕES INÉDITAS**

▶ MÚSICA

**Riachão – Mundão de Ouro**  
Dia 14/11, 22h

# Marginal dos palcos

FOTO: MARK SHELDON



Ator e dramaturgo de temas “malditos”, como a miséria, a violência, a prostituição e a homossexualidade, Plínio Marcos foi o primeiro autor brasileiro consagrado a dar voz aos excluídos, nos anos 1960. Por causa do universo e do linguajar de seus personagens – bandidos, bêbados, gigolôs e travestis –, foi censurado, perseguido e preso pelo regime militar, demitido de jornais e processado. Nem a esquerda gostava dele, pois seus marginais seriam incapazes de fazer a revolução – sequer de mudar a própria história. Plínio Marcos considerou a imprensa seu pior inimigo. “Agora você tem liberdade de expressão, mas não tem onde falar”, disse em 1988.

Antes da fama no teatro, Plínio trabalhou como estivador no Porto de Santos, cidade onde nasceu; foi funileiro; palhaço de circo; jogador de futebol; soldado da Aeronáutica e ator da TV Tupi, na novela *Beto Rockfeller*. Estreou como autor teatral com *Barrela*, em 1958, mas ganhou visibilidade mesmo oito anos depois, com *Dois Perdidos Numa Noite Suja*, e no ano seguinte, com *Navalha na Carne*. Estes dois textos foram levados para o cinema: *Navalha na Carne* em 1969, dirigido por Braz Chediak, e em 1997, com direção de Neville D’Almeida; e *Dois Perdidos Numa Noite Suja*, de José Joffily. Plínio Marcos também foi jornalista e cronista esportivo em jornais e revistas; tornou-se um profundo conhecedor de samba; escreveu o argumento para o roteiro do filme *A Rainha Diaba*, de 1974; o romance *Querô*, de 1976, que também ganhou

versão para o cinema; deu consultas de tarô; foi palestrante e camelô dos próprios livros – que vendia em portas de teatro, praças, ruas e escolas.

Boêmio inveterado – por causa do diabetes, porém, passou a beber moderadamente – e bon vivant, Plínio dizia que não nascera para trabalhar e chocava por seu jeito despojado de se vestir – com camiseta furada e chinelos de dedo. Não acreditava nas leis, apenas na cooperação espontânea, mas não gostava de ser chamado de anarquista. Por seus grandes personagens e histórias, ganhou os prêmios Molière, Shell e Mambembe. Sua produção tem sido estudada em universidades e foi traduzida para outras línguas. O

SescTV exhibe, neste mês, uma programação especial em homenagem a Plínio Marcos, morto há 15 anos, em 19 de novembro de 1999, aos 64 anos. A programação inclui entrevistas, filmes e um musical (confira programação no quadro).

## PROGRAMAÇÃO COM MÚSICA, FILMES E ENTREVISTAS HOMENAGEIA PLÍNIO MARCOS, MORTO HÁ 15 ANOS

### PLÍNIO MARCOS: “EU FIZ POR MERECEER”

#### ▶ MÚSICA

**Plínio Marcos em Prosa e Samba**  
Dia 19/11, 22h **L**

#### ▶ CINEMA

**Dois Perdidos Numa Noite Suja (2002), de José Joffily**  
Dia 21/11, 23h **16**

**Querô (2007), de Carlos Cortez**  
Dia 22/11, 22h **16**

#### ▶ ENTREVISTAS

**Roda Viva (TV Cultura de São Paulo) com Plínio Marcos**  
Dia 20/11, 22h **L**

**Oswaldo Mendes**  
Dia 23/11, 22h30 **L**

# Meio ambiente em foco

FOTO: CASSIO FERREIRA



Mudanças climáticas, consumo sem consciência, uso de agrotóxicos e gerenciamento da água, energia e lixo são temas que pautam o debate ambiental na sociedade e também inspiram e mobilizam cineastas, que levam para as telas os questionamentos, alertas e diferentes pontos de vista, e possibilitam informar e ampliar a reflexão em torno do assunto. Muitas dessas produções são apresentadas ao público por meio de mostras e festivais de cinema, como é o caso da Mostra Ecofalante de Cinema Ambiental, realizada desde 2012, com itinerância no Sesc, com filmes do Brasil e do exterior.

Neste mês, o **SescTV** exhibe seis documentários que participaram da Mostra Ecofalante, em diferentes edições. A escassez de água é abordada pelo documentário franco-alemão *Quem Controla a Água?* (2010), de Leslie Franke e Herdolor Lorenz. O filme trata da privatização dos serviços de distribuição em vários países, da alta nos preços e da luta de muitas regiões pela volta do controle do poder público. Estima-se que haja atualmente 1,2 bilhão de pessoas no mundo sem acesso à água potável. O uso de agrotóxicos na agricultura é foco da produção argentina *Deserto Verde* (2013), de Ulises de la Orden. O documentário se concentra em uma comunidade de Córdoba, cujos moradores foram atingidos durante anos por fumigação aérea de pesticidas sobre plantações de soja, o que contaminou o ar, a água e o solo, causando um problema de saúde pública.

O excesso de consumo de plástico é tema do documentário *Bag It* (2010), de Suzan Beraza. Estima-se que o mundo use 500 bilhões de sacos plásticos por ano. Dezenas de países já tentaram banir ou taxar as sacolinhas, com resistência da indústria e de parte dos consumidores. Além de levar até 450 anos para se decompor, o plástico gera milhões de toneladas de gás carbônico na atmosfera, polui rios e mares e vira comida para peixes, que morrem ou têm sua carne contaminada. *A Terra da Lua Partida* (2010), único filme brasileiro da seleção, de Marcos Negrão e André Rangel, problematiza o impacto das mudanças climáticas no Himalaia. “A questão ambiental não está mais restrita aos festivais de cinema temáticos. A mostra é uma plataforma de difusão de informação e conhecimento para debater, por meio do audiovisual, essas questões ambientais mais amplas”, afirma o curador Chico Guariba.

## SESTV EXIBE SEIS FILMES DA MOSTRA ECOFALANTE DE CINEMA AMBIENTAL, COM TEMAS COMO A ÁGUA E O USO DE AGROTÓXICOS

### ▶ MOSTRA ECOFALANTE DE CINEMA AMBIENTAL

Terças, 21h

#### Quem Controla a Água?

(França/Alemanha, 2010, dir. Leslie Franke e Herdolor Lorenz) **L**

#### A Terra da Lua Partida

(Brasil, 2010, dir. Marcos Negrão e André Rangel) **L**

#### Blood in the Mobile

(Dinamarca, 2010, dir. Frank Piasecki Poulsen) **14**

#### Deserto Verde

(Argentina, 2013, dir. Ulises de la Orden) **12**

#### Bag It

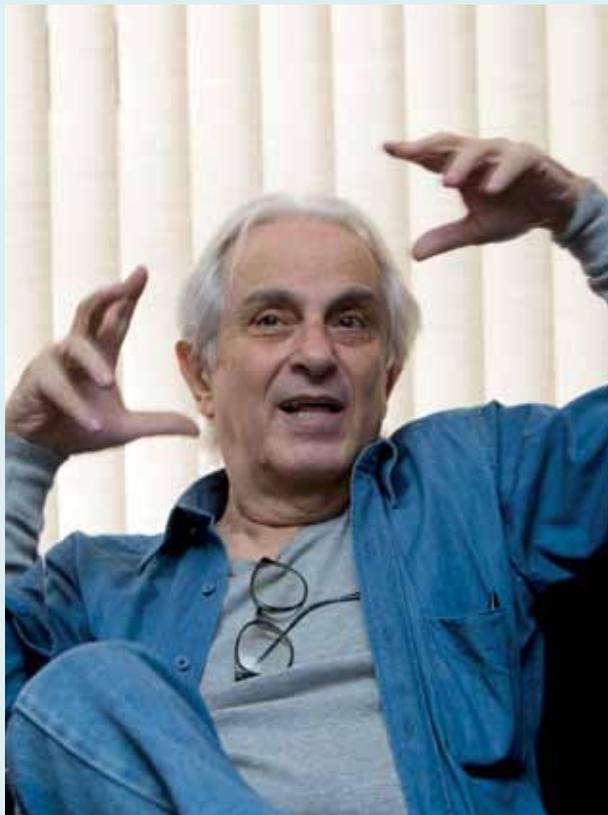
(EUA, 2010, dir. Suzan Beraza) **L**

#### Crude

(EUA, 2009, dir. Joe Berlinger) **12**

# “Plínio era um homem livre”

FOTO: ADAUTO PERIN



Oswaldo Mendes é ator, diretor de teatro, jornalista e foi amigo pessoal de Plínio Marcos. Escreveu a biografia do dramaturgo, *Bendito Maldito*, lançada em 2009, dez anos após a morte dele. Aos 68 anos, Oswaldo frequenta os palcos há 52 e conheceu Plínio quando atuava no teatro amador de Marília (SP). Os dois se reencontraram na capital paulista, onde trabalharam juntos no jornal *A Última Hora*.

**“A PRIMEIRA CONTRIBUIÇÃO DELE FOI DAR VOZ NO TEATRO A QUEM NÃO TINHA. ESSES PERSONAGENS NÃO ESTAVAM NOS PALCOS, SÓ LEVAVAM PORRADA, NÃO CONSEGUIAM MUDAR NEM A PRÓPRIA HISTÓRIA”**

**Como você chegou ao teatro e conheceu Plínio Marcos?** Criaram um grupo de teatro na escola, em Marília (SP), e me chamaram para participar em 1962; eu tinha 15 para 16 anos. Estreei numa peça intitulada *Chá e Simpatia*, que mostrava a relação de homossexuais. Era um assunto proibido, não havia a homofobia de hoje, mas existia preconceito, as pessoas viravam o rosto para não ver. Depois, Cacilda Becker, Cleyde Yáconis e Walmor Chagas foram até a cidade com uma peça, e ajudamos a vender ingressos para duas sessões. Parte do valor ajudou na nossa formatura e ainda conseguimos viajar para o Rio. Em 1967, o Plínio foi lá fazer *Dois Perdidos Numa Noite Suja*, foi quando nos conhecemos. Vim para São Paulo com 19 anos, fiz um curso na Escola de Arte Dramática da USP, com o Augusto Boal, sobre dramaturgia e crítica. Eu e o Plínio nos reencontramos em 1969, em *A Última Hora*, ele era cronista e eu, jornalista. Fomos amigos por toda a vida, frequentávamos as mesmas mesas e nunca brigamos, só nos desentendemos uma vez por questões profissionais. Conciliei o teatro e o jornalismo até os 45 anos, aí vi que não tinha mais o que fazer na imprensa, começou a perder a graça, e passei a viver dos palcos.

**Como foi, sendo amigo, ter escrito a biografia de Plínio Marcos?**

No dia da cremação do Plínio, o filho mais velho dele, Léo Lama, disse que eu tinha a obrigação de escrever a biografia do pai dele. Isso porque eu já tinha feito a biografia do Ademar Guerra [diretor de teatro famoso nas décadas de 1960 e 1970, responsável por montagens como *Hair* e *Marat/Sade*]. Falei para o Léo: “Depois a gente conversa”, e fui adiando, pois não via sentido em fazer aquilo tão próximo da data de morte do Plínio, precisava de uma certa distância. Outro autor já tinha começado a escrever sobre ele em 1992, mas entrou na questão dos amores, e o Plínio proibiu. Uma biografia não é olhar pelo buraco da fechadura, a não ser que a vida particular tenha ressonância na obra, o que não era o caso. Acabei, depois, usando vários depoimentos que esse escritor havia recolhido. Em 2007, a editora [Leya] topou lançar o livro nos dez anos de morte do Plínio, e a poeira já tinha assentado. Aí consegui me distanciar, mas não deixei de escrever os “pecadilhos” que ele cometeu.

### Quais foram as principais contribuições de Plínio para a cultura brasileira?

A primeira contribuição dele foi dar voz no teatro a quem não tinha. Esses personagens não estavam nos palcos, só levavam porrada, não conseguiam mudar nem a própria história. Plínio sentia carinho, amor, dor e imensa compaixão por eles. E nenhum dos personagens é melhor que o outro, o cafetão é tão lamentável quanto a prostituta ou o travesti. Ele tinha esse olhar de cumplicidade, dava voz sem colocar a dele como mediador, não tentava pôr seus pensamentos ali. Essas pessoas existem, mas não contam nas estatísticas, a gente não dá atenção. Além disso, o Plínio tinha uma grande capacidade de síntese e causou uma ruptura na duração das peças, que normalmente tinham dois atos. *Navalha na Carne*, por exemplo, era encenada em 50 minutos. Havia, ainda, a linguagem das ruas nas peças dele, mas não tinha tanto palavrão assim, desafio as pessoas a procurar.

### Por que predomina sempre a imagem de Plínio Marcos como um autor de teatro?

Ele foi maior dramaturgo que cronista, autor, romancista. O teatro dele é modificador. Com o Nelson Rodrigues, ocorreu a mesma coisa. Ainda que as crônicas de futebol dele sejam importantes, as peças prevaleceram.

### Como você vê a adaptação da obra de Plínio para a linguagem audiovisual?

Isso depende menos dele do que de quem assume essa tarefa. A adaptação é sempre outra linguagem, fala além do autor, embora concentre a ação naquilo que a obra tem de essencial. O Neville D’Almeida [diretor da versão de *Navalha na Carne* para o cinema, em 1997] transformou Neusa Sueli em Jesus Cristo. O Plínio respeitou, era uma outra obra. Mas essa não era a visão dele, da prostituta coitadinha, crucificada. Ele também brincou que o Vado [cafetão], com aquele sotaque cubano, ficou parecendo o Veludo [travesti]. Mas ele negociou [os direitos], foi pago, então aquilo não lhe pertencia mais. As obras são inspiradas, baseadas, adaptadas sobre o que o Plínio fez.

### Que impacto a censura do regime militar e da mídia teve na vida e na obra de Plínio Marcos?

Ele continuou produzindo, apesar de tudo. E sempre dizia sobre o que passou: “Eu fiz por merecer” – que era o título que eu queria inicialmente para o livro. O problema é que ele não pertencia a grupos, não tinha carteirinha de nada, vivia apenas com um conceito de

**“O PLÍNIO ERA UM HOMEM LIVRE, TEMPERAMENTAL, UM MODELO DE INTEGRIDADE. ALGUÉM QUE QUERIA PODER COMETER OS PRÓPRIOS ERROS COM AS PRÓPRIAS PERNAS E PENSAR COM A PRÓPRIA CABEÇA”**

tribo, de estar junto do núcleo familiar. Ele brincava: “Se eu fosse católico, pelo menos alguém me daria uma hóstia”. A família dele era o teatro, e ele não gostava de rótulos – como o de anarquista – e tinha aversão a gurus, chefes. O Plínio era um homem livre, temperamental, um modelo de integridade. Alguém que queria poder cometer os próprios erros com as próprias pernas e pensar com a própria cabeça.

### Plínio era uma pessoa coerente e desapegada de bens materiais. Essas eram suas principais qualidades?

O Plínio era generoso, ganhava roupas de presente de Natal e dava para o porteiro, zelador. Também não tinha muita noção de valores, cobrava apenas pela necessidade que tinha naquele dia, se queria comprar um presente para o filho, por exemplo. Ele tinha muita coerência entre discurso e prática, era aquilo mesmo, gostassem ou não.

### Você acha que os temas de Plínio Marcos continuam atuais?

O teatro sempre procura tratar de temas atuais, tem urgência em falar para o público. O problema é ele ser efêmero, perder a importância. O que dura é aquilo que vai na essência, sobre o comportamento humano, a compreensão da condição humana. O ideal do ser humano é chegar a um estágio em que a arte seja supérflua. Enquanto não chegar, essa urgência é condição *sine qua non*. E o teatro perdeu um pouco isso, de falar com alguém, de ressoar nas pessoas, para ajudá-las a entender o mundo em que estão vivendo. Mas acho que o teatro aos poucos está voltando à sua essência, de abordar temas que o indivíduo entenda, ou o incomode, ou lhe diga respeito.

# Educar para a comunicação

Na sociedade contemporânea, a comunicação ganhou lugar de centralidade estratégica. Ou seja, praticamente tudo o que nos circunda, incluindo aspectos materiais, emocionais e simbólicos, mantém algum nível de relação com os meios de comunicação, as linguagens e os discursos neles gerados. Os processos educativos, vetor que nos interessa neste momento, passaram a ser desafiados pelos modos singulares como a informação e o conhecimento são elaborados, distribuídos e socialmente inter-cambiados. Deste modo, promover educação deixou de ser, apenas, problema afeito às salas de aula, aos espaços formais escolares, passando a dizer respeito, também, ao ecossistema comunicativo. Daí as crescentes preocupações em tratar de temas como os da educação para os meios, da leitura crítica da comunicação, da alfabetização midiática e, mais recentemente, da Educomunicação.

Claro está que pensar a comunicação como elemento integrado à educação não é problema novo entre nós. Desde pioneiros como Roquette-Pinto e Anísio Teixeira, até Paulo Freire, o assunto vem sendo colocado em evidência, conquanto tratado segundo as suas circunstâncias históricas. Paulo Freire, por exemplo, entendia que não era possível prover educação sem que a ela estivesse imediatamente associada a palavra comunicação. O olhar dele, contudo, não estava orientado de maneira direta aos mediadores técnicos, senão ao ato mesmo da comunicação, visto enquanto fomentador do diálogo, procedimento que permitiria subverter a concepção segundo a qual o docente, que sabe, ensina ao discente, que não sabe. Este “transmissivismo” unidirecional, trazido na ideia de que o conhecimento pode, simplesmente, ser transferido do professor ao aluno, recebeu de Paulo Freire o epíteto de educação bancária.

Cabe, contudo, avançar um pouco mais nesta análise pensando as relações comunicação e educação também à luz dos dispositivos técnicos e suas linguagens: jornal, televisão, rádio, publicidade, cinema, internet, etc. Tais mediadores precisam ser percebidos pela educação como instâncias que transcendem dimensões técnicas ou funcionais, colocando-se no tempo presente como parte de um processo tecnocultural irreversível, logo a merecer especial atenção dos sistemas escolares. É por isso que esforços vêm sendo promovidos, seja em centros de pesquisa, seja em instituições da sociedade civil, seja em organismos governamentais, no intuito de aproximar e permitir um diálogo qualificado, com seus devidos matizes críticos, entre a comunicação e a educação.

Temos acionado o termo Educomunicação para designar essa área de reflexão, pesquisa e intervenção social, cujo objetivo é o de trabalhar na interface comunicação e educação. Encontra-se, inclusive, em funcionamento na Universidade de São Paulo, junto ao Departamento de Comunicações e Artes, um bacharelado em Educomunicação, prestes a formar sua primeira turma. Existem, contudo, outras instituições públicas e privadas, além de organismos da sociedade civil, voltadas a cumprir os propósitos enunciados naquela interface.

A despeito de a comunicação e a educação possuírem áreas próprias de trabalho, metodologias e objetos de pesquisa, fala-se, agora, na criação de outro espaço de intervenção social e de um novo agente de formação que pode atuar em lugares consagrados como a sala de aula ou em espaços que incluem o rádio, a televisão, a internet, as redes sociais, a produção de softwares educativos etc. Dessa forma, a Educomunicação, cujo âmbito de atuação não se restringe à didática ou à restrita aplicação ao ensino das tecnologias da informação e da comunicação, se volta ao pensar e ao agir no interior de um quadro histórico marcado por novos modos de organizar, distribuir e receber o conhecimento e a informação.

Ao indicarmos a importância de aproximar a comunicação da educação, pensamos que este fundamental espaço de promoção da equidade, a escola, sobretudo a de natureza pública, tem o desafio presente de acertar o passo com um mundo atravessado por mudanças sociais, comportamentais, tecnológicas, cuja amplitude é demais conhecida. Em última instância, se trata de aprofundar o entendimento acerca do funcionamento e das possibilidades oferecidas pela comunicação. Os processos educativos podem e devem participar desse esforço, pois a formação de sujeitos proficientes para ler e produzir criticamente a comunicação gerada em nosso tempo é fator decisivo quando se busca construir uma cidadania compromissada com o aprofundamento da democracia.

---

**Adilson Citelli** é graduado em Letras e professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, onde ministra cursos e orienta dissertações e teses nas áreas de Comunicação e Linguagem, com ênfase em Educomunicação.

## ÚLTIMO BLOCO

FOLGUEDOS POPULARES AFOXÉ. FOTO: GIROS PRODUÇÕES



### HERANÇA AFRICANA

Quatro episódios da série Coleções retratam, neste mês, a herança africana presente na cultura brasileira. *Autos populares: Zambiapunga* mostra uma tradição folclórica do sul da Bahia, originária da região do Congo e de Angola, que celebra a divindade suprema de Zambiapongo. **Dia 6/11.** *Ritmos: Tambor de Crioula* retrata a tradição desse tambor nas festas populares de São Luís do Maranhão, como a celebração a São Benedito e o bumba-meu-boi. **Dia 13/11.** *Mestres de Ofício: Capoeira* apresenta a arte dessa luta/dança a partir da atuação de dois grupos que praticam vertentes diferentes, no Rio de Janeiro e na Bahia. **Dia 20/11.** *Folguedos Populares: Afoxé* traz o ritmo que une atabaque, agogô e quequerê para entoar cânticos em iorubá, com profunda relação com o candomblé. **Dia 27/11, sempre às 21h30.** Direção de Belisario Franca.

### MUNDO DESIGUAL

O engajamento de pessoas de diferentes origens e contextos em prol de um mundo mais justo e menos desigual pauta quatro documentários em curta-metragem que o SescTV exhibe neste mês, no episódio inédito *Fronteras Políticas*, da série CurtaDoc. Os filmes *Espacio Moneda*, de Ximena Pereira; *Skin Destination*, de Adriana Trujillo; *Xukuru Ororubá*, de Marcília Barros; e *A Ditadura da Especulação*, de Zé Furtado, têm em comum o relato de histórias e experiências de pessoas que, seja nas metrópoles ou em aldeias e estradas rurais, combatem a desigualdade e batalham pela garantia de direitos. O episódio traz comentários do colombiano Augusto Bernal e faz parte da temporada latino-americana da série, com direção geral de Kátia Klock. **Dia 25/11, às 21h.**

NECTAR DO GROOVE. FOTO: ADI LEITE



### GROOVIE PARAIBANO

O sexteto paraibano Nectar do Groove apresenta uma fusão de jazz, rock e ritmos brasileiros em show inédito da série Instrumental Sesc Brasil. Stepan Tomas Buhler (sax), Thiago Sombra (baixo), Victorama (bateria), Cristiano Oliveira (viola de dez cordas), Marcelo Macedo (guitarra) e Peter Buhler (percussão) mostram repertório próprio criado a partir de referências como o baião, o samba, o coco de roda, as toadas das lavadeiras, as ladainhas religiosas e a percussão afro-cubana. Antes, em *Passagem de Som*, os músicos falam sobre o início de sua trajetória, quando se apresentavam em bares, e revelam seu entrosamento no processo de criação e também nas improvisações. **Dia 30/11, a partir das 21h.** Direção artística de Max Alvim.

### OLHAR PANORÂMICO

Traçar um panorama sobre a obra de artistas contemporâneos e documentar seu processo de criação foram motivações para a temporada Coleção de Autores da série Videobrasil na TV. Neste mês, o SescTV exhibe quatro episódios inéditos, realizados por diretores convidados. São eles: *Mau Wal - Encontros Traduzidos*, dia 3/11; *Um Olhar sobre os Olhares de Akram Zaatari*, dia 10/11; *Coco Fusco - I Like Girls in Uniforms*, dia 17/11; e *Chelipa Ferro*, dia 24/11, sempre às 23h. "Não basta eu mostrar as obras de um artista sem você conhecer o contexto em que ele opera. É preciso mergulhar no universo dele e trazer para o público quais são as camadas por trás de sua obra", diz Solange Farkas, curadora e diretora geral do projeto.

Para sintonizar o SescTV: Se você ainda não é assinante, consulte sua operadora. O canal é distribuído gratuitamente. Assista também em [sesc.tv/org.br/aovivo](http://sesc.tv/org.br/aovivo).

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO – SESC  
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente: Abram Szajman  
Diretor Regional: Danilo Santos de Miranda



A revista SescTV é uma publicação do Sesc São Paulo sob coordenação da Superintendência de Comunicação Social. Distribuição gratuita. Nenhuma pessoa está autorizada a vender anúncios.

Coordenação Geral: Ivan Giannini

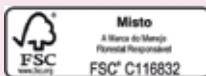
[sescsp.org.br](http://sescsp.org.br)

Supervisão Gráfica e editorial: Hércio Magalhães  
Redação: Adriana Reis e Luna D'Alama  
Editoração: Marcos Pereira Moreira  
Revisão: Marcelo Almada

SescTV

Direção Executiva: Valter Vicente Sales Filho  
Direção de Programação: Regina Gambini  
Coordenação de Programação: Juliano de Souza  
Coordenação de Comunicação: Adriana Reis  
Divulgação: Jô Santina, Jucimara Serra e Glauco Gotardi

Envie sua opinião, crítica ou sugestão para atendimento@sesc.tv.sescsp.org.br  
Leia as edições anteriores em [sesc.tv/org.br](http://sesc.tv/org.br)  
Av. Álvaro Ramos, 776. Tel.: (11) 2076-3550



Este boletim foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado com o selo do FSC® (Forest Stewardship Council®) e de outras fontes controladas. A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.



Sincronize seu celular no QR Code e assista ao vídeo com os destaques da programação.

mostra

# ECO FAL AN TE

de cinema  
AMBIENTAL

estreia

10/11

20h